Sede bons e caritativos,
e assim teréis com-
vosco a cha-
ve do céu.
São Vicente de Paula

A NOVA ERA

ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE ALLAN KARDEC

O benefício sem ostenta-
ção tem duplicado mé-
rito: o da caridade
material e o da
moral

ALLAN KARDEC

REDAÇÃO: RUA CAMPOS SALES, 929

(Caixa, 65)

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Ano 15^o.

FRANCA — (Estado de São Paulo), — DE 11 JUNHO DE 1942

Diretor — JOSE MARQUES GARCIA
Resid.: Rua General Carneiro, 1380

Gerente — JOAQUIM LOPES BERNARDES
Colaboradores: DIVERSOS

N. 647

Casa de Saúde Allan Kardec

Visita da Imprensa Fran-
cana—Impressões—Nunca
é tarde

José Russo escreveu

Em dias do mês passado tivemos a gratíssima satisfação de receber a visita dos nossos colegas "Diário da Tarde" e "Comercio da Franca", órgãos da imprensa local, representados respectivamente pelos jornalistas J. Chiachiri e Alfredo Costa que, a convite do sr. Antonio da Mota, vice-provedor da instituição, percorreram todas as dependências superlotadas de enfermos, observando o cenário contrastador de uma casa onde se aglomeram mais de duas centenas de insanos. Irmãos do infortúnio de tantos infelizes, mantiveram os nossos distintos colegas ligeiras palestras com enfermos de varias modalidades, trasladando ás suas colunas, os ditos chistosos de uns, os casos pessoais de outros, as manias e sofrimentos de todos. Sensibilizados pelos quadros que espelham a desdita apavorante de tantas dorcas ocultas, os nossos prezados visitantes tomaram várias anotações "in loco", passadas, depois, á reportagem vasada em estilo elevado, e apelando para a generosidade das almas cristãs, a uma cooperação altruística em prol de tantos infelizes.

Sentimo nos confortados pela bondade sincera dos nossos amigos, deixando por momentos os seus afazeres, para sentirem, de perto, o contágio de creaturas envoltas na penumbra mental, vivendo a vida vegetativa dos seres privados da razão. Encorajados e animados pela boa vontade de todos os que nos têm visitado, proseguiremos na tarefa a que nos dedicamos, esperando em Deus leva-la a bom termo.

IMPRESSÕES

Os nossos amigos sentiram-se profundamente impressionados em face do que viram no reduto onde o infortúnio estabelece o seu quartel general. Quadros de intensa amargura onde se retratam as desventuras reais que a miséria esconde nas suas dobras desoladoras! Aqui o esbravejador arrepiante da demencia na sua fase pavorosa; ali os gemidos, a inconsciência, a dor, o desespero; além, o gargarhar roufeno, o chiste jocoso, o canto a imploração; mais além, novas cenas, manias diversas, reclamações, palestras confusas, assuntos pessoais. No anfiteatro da loucura, os distintos colegas sentiram bem a miséria humana que se esconde das vistas da

sociedade feliz e despreocupada, dessa sociedade que esquece a dor daqueles que também foram felizes, e que hoje se voltam como animais ferozes por entre célas gradeadas

de ferro! Felizes todos aqueles que avallam e sentem a infelicidade da creatura, presnas malhas de um destino sombrio, o mais negro, o mais torturante, o mais assustador:

a loucura! O louco é um desgraçado. O desgraçado número um. Dêle todos fogem espavoridos; é um perigo constante, uma ameaça sempre viva a desencadear-se em hor-

rores. Mais infeliz que todos os infelizes, pois que para ele não existem os carinhos dos entes queridos. Fogem os amigos, a sociedade espulsa-o do seu convívio. A morte da razão extinguiu-lhe as fibras sensíveis. O supremo recurso que se lhe apresenta é segregalo da comunhão humana.

Ao transpôr os portões de ferro de um manicômio, deixa lá fóra, agonizando na Jertargia do esquecimento, todas as aspirações da vida. Não mais a preocupação de riqueza, trabalho, amor e felicidade, interessa o seu cérebro moribundo. Apagam-se-lhe todas as esperanças acalentadas no coração. Estabeleceu-se o vácuo, sombrio e gélido onde a vida não medra... E' um morto vivo... Quando se fala em tais creaturas a alma soluça e o coração chora!...

Quem se julgará bastante habilitado a penetrar a alma aflita de um demente e sondar-lhe a sua noite de inconsciência? Quem poderá interpretar os seus gritos de angústia, os seu gemidos de revolta, as suas lágrimas de desespero, mesclada de risos e lamentos, a esplodirem em palavras calorosas, quais a palavra que fugista a sua alma enferma?...

O louco é um morto vivo!... Se ha desgraçados que mereçam comiserção, esses serão os dementes, os loucos, os obediados o grande rol de psicopatas...

NUNCA É TARDE...

Conforta-nos a alma a altitude da imprensa francana, visitando um estabelecimento, já conhecido em todo o nosso imenso país, cujas finalidades humanitarias repercutem fóra das suas fronteiras, e que nasceu e cresceu a sua vista, constituindo para esta terra um justo fator de engrandecimento social, abrigando indistintamente enfermos de vários Estados, sem cogitar de razões outras, a não ser o amparo moral e material aos que sofrem, sintetizados na coluna mestra do cristianismo: *A prática da Caridade!*

Nunca é tarde, murmuram esperançosos todos aqueles que aguardam promessas rissonhas do porvir. "A Casa de Saúde Allan Kardec". Nasceu ha 20 annos, crescendo aos pedaços, desenvolvendo-se por etapas. Ostenta hoje vários pavilhões confortáveis e dezenas de outras dependências, todas aparelhadas ao fim a que se destina. Abriga, presentemente mais de 200 insanos, arregimentados nas classes humildes, na densa camada da plebe sofredora qualificada como a escumalha da sociedade, o rebotalho huma-

(Conclue na 4a. página)

AOS COMPANHEIROS DE IDEAL

Aos queridos amigos do Triângulo

A nossa marcha continúa e, como sempre, irmãos meus, confirmo a promessa de seguir convosco até á suprema vitória espirital.

Os anos correm incessantemente, a morte estabelece apreciáveis modificações, as paisagens se transformam, todavia, nossa confiança em Deus permanece inabalavel.

Somos numerosa caravana em serviço das divinas realizações.

Velhos amigos nossos, ouvindo-me a palavra, sentirão os olhos húmidos. Para vós que ainda permanecéis na Terra, a travessia dos obstáculos parece mais dolorosa. As saudades orvalhadas das lágrimas vicejam ao lado das flores da esperança.

As recordações repesam-se na alma. Alguns companheiros estacionaram em caminho, atraídos pelo engano do mundo ou esmagados pelo desalento; não foram poucos os que se desanimaram, receiosos da luta. Por isso mesmo, as dificuldades se fizeram mais duras, a jornada mais difficil.

Mas a nós, que temos sentido e recebido a benção do Senhor, no mais íntimo d'alma, não será licito o repouso.

Nossas mãos continuam enlaçadas na cooperação pelo engrandecimento da verdade e do bem, e minha saudade, antes de ser um sofrimento, é um perfume do céu.

No coração, vibram-nos as antigas esperanças e continuamos a seguir, a seguir sempre, no ideal de sublime unificação com o Divino Mestre.

Tenhamos para com os nossos irmãos ainda frágeis, a ternura do amor que examina e compreende. As ilusões passam como os rumores do vento. Prossigamos, desse modo, com a verdade para a Verdade.

Falando-vos em nome de companheiros numerosos da espiritualidade, assinálo a nossa alegria pelo muito que já realizastes, no entanto, amigos, outras edificações nos esperam, requisitando-nos o esforço. E' preciso contar com os tropeços de toda a sorte. O obstáculo sempre serviu para medir a fé e o espirito de inferioridade nunca perdoou as árvores frutíferas. Quasi toda gente deixa em paz o arbusto espinhoso, afim-de de atacar a árvore generosa que estende os ramos em frutos—aos viandantes que passam fatigados. A sombra, muitas vez, ameaçará ainda os nossos esforços, os espinhos surgirão, inesperadamente, na estrada, a incompreensão cruel aparecerá, de surpresa. Conservemos, porém, a limpidez de nosso horizonte espirital, como quem espera as dificuldades, convicto de que a vida real se estende muito além dos circuitos acanhados da Terra. Guardando a energia de nossa união, dentro da sublimidade do ideal, teremos á frente o archote poderoso da fé que remove montanhas. Quando o desânimo vos lente, intensificai os passos na estrada da realização. Não esperemos por favores do mundo, quando o próprio Jesus não os teve. A paz na Terra, muitas vezes, não merece outro nome, além de ociosidade. Procuremos, pois a paz do Cristo que excede o entendimento das creaturas. Semelhante vitória somente poderá ser conquistada através de muita renúncia aos caprichos que nos ameaçam a marcha.

Não seria justo aguardar as vantagens transitórias do plano material, quando o trabalho áspero ainda representa a nossa necessidade e o nosso galardão.

Jamais vos sintais sozinhos na luta. Estamos convosco e seguiremos ao vosso lado. Invisibilidade não significa ausência.

O Mestre espera que façamos do coração o templo destinado á sua presença Divina.

Enche-se o mundo de sombras? Verificam-se deserções, dissabôres, tempestades? Continuemos sempre. Atendamos ao programa de Cristo. Que ninguém permaneça nas ilusões venenosas de um dia.

Dêste «outro lado» da vida, nós vos estendemos as mãos fraternas. Unindo-nos mais intensamente no trabalho, em vão rugirá a tormenta. Jamais vos entregueis á hesitação ou ao desalento, porque, ao vosso lado, flue a fonte eterna das consolações com o amor de Jesus Cristo.

EURÍPEDES

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

CARTA ÍNTIMA

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Escuta, meu irmão! Pelo caminho
Da miséria terrestre, ha muitas dores;
Muito fel, muita sombra, muito espinho,
Entre falsos prazeres tentadores.

Jesus ha de sorrir com o teu sorriso,
Quando faças no mundo o bem preciso,
Pelo que sofre em desesperação.

Ha feridas que sangram... Ha pavores
De orfãos sem lar, sem pão e sem carinho.
Confortemos os pobres sofredores,
Não te guardes no espirito mesquinho!.

Todo bem que plantares nesta vida
Ha de esperar tua alma redimida,
Nos caminhos de luz e redenção!...

AUTA DE SOUZA

PÃO E ORAÇÃO

O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje; eis que Jesus nos ensina a pedir na oração quotidiana.

O pão nosso, notemos bem, não é do nosso próximo.

Aquela parte que nos pertence, que é necessária à nossa subsistência. Não o superfluo, mas o imprescindível à nossa manutenção. O pão de cada dia, isto é, o indispensável para o corpo na renovação continua das suas células.

O pão alheio, não é o nosso, é do nosso irmão, sujeito, como nós, às mesmas necessidades. Tudo que é de outrem, não nos pôde ser dado. A justiça manda dar a cada um o que é seu. Arrebatá-lo que nos pertence, é violar a lei. O homem, no uso do seu relativo livre-arbítrio, comete esse delito por conta própria, motivo por que, sofre as consequências. Devemos pedir, por isso, somente o que é nosso. O alheio, não nos pôde ser benéfico; ha-de forçosamente nos prejudicar.

O corpo não quer demasiado. Os males físicos resultam da desobediência a esse imperativo da natureza.

O pão é como o ar respirável. Todos devem tomar a parte que corresponde às exigências do seu físico. O aparelho digestivo gera o sangue, os pulmões o purificam e o transformam em vida orgânica. O pão nosso, a atmosfera nossa, a vida nossa. Não devemos usurpar o pão alheio, a atmosfera do próximo, a vida do vizinho. Ao pão e ao ar foi cometido o encargo de manter o homem neste orbe de provas e expiações.

Para que o nosso corpo se conserve em bom estado, basta-lhe o que é seu. A natureza física não quer acumulações nem deficiências. A vida orgânica resulta de um equilíbrio, ao qual denominamos saúde. Tanto a carestia como os excessos, e particularmente estes, quebram aquele ritmo, originando as enfermidades. O equilíbrio é uno, os seus distúrbios são inumeráveis. O Pão nosso de cada dia. Por que de cada dia? Porque a vida humana não é eterna, consta, apenas, de uma sucessão de dias, mais ou menos longos. Esses dias são como as contas de um rosário. O fio que as mantém é ténue, frágil, de resistencia incerta e duvidosa, podendo partir-se a cada momento, no ponto mais fraco de sua extensão. Por isso, o pão solicitado, deve ser quotidiano. Pedir-lo para amanhã, seria erro, por isso que, talvez, não o necessitássemos senão para hoje. Sabemos, acaso, se o fio do nosso rosário, resiste até amanhã? Outrossim, se ainda não consumirmos o pão de hoje, porque pensar rio de amanhã? «A cada dia basta a sua própria aflicção». A capacidade do estômago requer o pão de cada dia, não tem lugar para mais. Força-lo é violência que caro custará aos temerários que a praticam.

Dai-nos hoje? Porque pedir esse pão que, segundo a própria Escritura, deve ser tirado da terra com o suor do nosso rosto? Porque, a parte que toca ao

homem na produção do pão é mínima, de importância secundária e muito relativa. O que faz ele? Lança, apenas, a semente nas leiras; semente, aliás, cuja primitiva origem, o homem ignora. Depois, independente de sua ação, sem o seu concurso nem colaboração, a semente germina, transforma-se, cresce e frutifica: eis o pão: O milagre da germinação opera-se pelo sopro divino, não é obra do homem. Logo, o pão não é produto nosso, nem procede do nosso trabalho: é dádiva de Deus.

Demais, acrece a circunstancia de que o pão não é vida senão depois de consumar-se, também a revela do mesmo homem, a sua transmutação em sangue, através dos órgãos de digestão. Duas transubstanciações, portanto; uma da semente em pão, outra do pão em sangue, ambas, maravilhas da Natureza, prodígios do Céu. Assim, pois, cumpre que peçamos o pão, ao nosso Pai Celestial, porque realmente, estamos na contingencia de implorar, o que não podemos produzir, o que está acima das nossas possibilidades conceber e criar.

Mas, de outra sorte, se o nosso Pai Celeste sabe que dependemos do pão, por que, então, pedir, se Ele é todo bondade e amor? E' porque, o pão, constituindo inalienável necessidade de todos os dias, deve servir de estímulo à nossa gratidão e ao reconhecimento da dependencia em que nós, creaturas nos achamos em relação ao nosso Criador. Pedindo, diariamente, o pão, nos declaramos gratos e nos confessamos subordinados. A necessidade é a lembrança que não nos deixa esquecer de Deus. O pão é a primeira e a mais premente das necessidades humanas.

Por isso, não só devemos pedir-lo, como também dar graças Aquele que no-lo dá todos os dias.

Oração e pão, pão e oração, são forças que se conjugam, uma para manter a vida temporaria do corpo, outra para sustentar e desenvolver a vida eterna do Espírito.

O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje!

VINICIUS

AGNELO MORATO
 Cirurgião-Dentista
 PRAÇA N. S. DA CONCEIÇÃO, 515
 HORARIO: DAS 8 A'S 12 — E DAS 14 A'S 18 HS.

Caro assinante
 Não atire fóra este jornal. Depois de o ter lido, reenderá-o a um amigo.
 Será mais um meio de propaganda da palavra de Jesus.

DOENTES

Doentes crônicos, desanimados, expõem seu caso e receberão gratuitamente utilísimos conselhos de médico especialista. — DR. R. COSTA.
 --- Edifício Rex, sala 1526 — Rio de Janeiro ---

ELIXIR DE NOGUEIRA
 É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA, MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA, COMO UM BOM ALIAR NO TRATAMENTO DESSE GRAN. DE FLAGELO.
 USE O
ELIXIR DE NOGUEIRA
 QUE SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TÁBES COMO:
 REUMATISMO
 ESCROPULAS
 ESPINHAS
 ECZEMAS
 MANCHAS
 QLICERAS
 FERIDAS
 DARTHOS
"ELIXIR DE NOGUEIRA"
 CONHECIDO HÁ 45 ANOS VENDE-SE E MUDA PARTE

Médico legista da Polícia de Buenos-Aires. — Médico do Hospital Nacional de Clínicas.

Aconselhe diariamente desde hace mucho tiempo su afamado "ELIXIR DE NOGUEIRA", del Farm. e Quím. João da Silva Silveira.
 Es un gran purgativo; de efectos seguros y que los enfermos toleran muy bien.
 Saluda a V.-att.

Dr. Armando M. Daneri
 Calle Gazcón, 720.
 Buenos-Aires (Argentina), Junio 30 de 1922

RACIOCINIOS

O DEMONIO

O demonio, este ser abjeto e vil que, através dos séculos se ocupa em espalhar a ruína, a perdição, a desgraça, enfim, tem sido pintado com todas as cores, sob todos os aspectos e todas as modalidades no transcurso dos tempos.

Sua triste missão é fazer o mal, semear as lágrimas, o luto e a dor no seio dos pobres calcetas terrenos, para isto, usando de todos processos, de todos meios ao alcance de sua arguta intelligencia.

Sua perspicacia é tão grande que chega a imitar os próprios santos, objetivando enganar suas pobres vítimas. O! Sagacidade! Agora, visando perder de uma vez por todas, a pobre humanidade, se transformou em o maior propagandista dos sublimes princípios de amor e fraternidade pregados e exemplificados pelo amigo Rabi da Galiléia.

Haja vista o aparecimento do livro — O Evangelho Segundo do Espiritismo, — pois, ele não passa da maior cilada armada pelo demonio, visando conseguir os seus negros fins.
 E' um compendio de moral cristã tão sublime e perfeito que, para cumprir seus mandamentos, o individuo tem, forçosamente, de se converter em verdadeiro discípulo de Cristo, deixando a vaidade, o orgulho, o egoismo, o ódio e tantas outras misérias morais que infelicitam os homens.

Ensina, este livro a prática da caridade em sua maior pureza, dizendo mesmo: "Fóra da caridade não ha salvação".

Seus princípios são os mesmos do Cristo: — Perdoar os inimigos, fazer bem aos que nos fazem mal, orar pelos que nos perseguem e caluniam, amar a Deus sobre todas as cou-

PAPAS E... PAPADOS

Um dia destes, muito casualmente, aliás, tive occasião de ouvir o programa do 40. Congresso Eucarístico Católico irradiado por quasi todas as emissoras paulistas e, o que ouvi, deixou-me algo surpreso e obrigou-me a ditigar os meus pensamentos a certos fatos que, á primeira vista, parecem não ter ligação entre si, mas que bem pensados e melhor analisados, têm a mais perfeita consonancia.

Imaginemos um congresso a realizar-se em setembro e, já em maio, cinco meses ante, o clero bombardeando os ouvidos dos paulistanos, continua e ininterruptamente.

Si a propaganda tão antecipada deixou-me surpreso, o sistema dessa propaganda deixou-me perplexo, causando-me um mixto de assombro e piedade, assombro pela bela organização e piedade por constatar que o clero lança mão de todos os trunfos para impressionar as multidões.

Primeiro, os distintivos a tantos mil réis por unidade, para serem colocados nos frontespícios das moradias para assinalar os residentes católicos.

Numa rua de milhares de casas contei por alto uns 8 ou 8 distintivos. Minoria absoluta, portanto.

Agora, os distintivos, também a tantos mil réis cada um, para serem colocados nos radiadores dos automóveis.
 Uns e outros têm a finalidade de alestarem a "profunda", ou melhor a "profundíssima fé católica" dos respectivos adquirentes.

Bela maneira de se demonstrar fé, não ha dúvida.

Numa rua, como disse, contei 7 ou 8 distintivos; e numa rua de milhares de moradores.

Desejo ter a paciencia necessaria para poder contar os autos que, demonstrando a "profundíssima fé católica" dos respectivos motoristas, trouxeram o famoso distintivo.

Desde já, porém, posso adiantar, que em mil, talvez seja possível a gente somar uns dez, se tanto.

Isso tudo eu não extranharía si, na mesma irradiação, não ouvisse estas palavras

... e ao Próximo como a si mesmo!... Já viram que audácia. Não contente com estes capciosos métodos de iludir-nos, o demonio surge nas chamadas sessões espiritas e se põe a evangelizar os ouvintes pregando a fraternidade, o amor ao próximo, a caridade por palavras, pensamentos e obras.

O resultado está aí. Grande número de palpavos seduzidos pelas palavras bellissimas daquele tratante, estão seguindo os passos do Cristo, uns como médiums receptivos ou curadores, vivem a curar enfermos do corpo e da alma, outros constroem asilo para os desamparados, abrigos noturnos para os peregrinos, escolas onde crianças adquirem as luzes do saber... Que desastre o shiro desta praga social: O Espiritismo...

Juvenal Mendes

pomposas: — "No Brasil, onde o povo é quasi inteiro, totalmente católico" (sic).

Mas, que contradição é essa? Então, num País, "onde o povo é quasi inteiro, totalmente católico" ha necessidade de se fazer uma propaganda de tal vulto, 5 meses antes de se realizar o congresso?

De duas uma: — ou os católicos no Brasil são unanimidade e, nesse caso, a propaganda péca por excessos, ou essa unanimidade não passa de conversa fiada e, nesse caso, a propaganda é necessaria e acertada.

De uma forma ou de outra, uma cousa, porém, causou-me admiração: — E' a organização, a técnica, a ordem, a uniformidade, a perfeição, podemos dizer, dos empreendimentos do clero.

Tudo ajustado, tudo concertado, insistentemente, o clero faz soar suas clarinadas pelos quattros ventos do País.

Embóra, a miudo, caíam em flagrantes contradições, os corifeus do clero conseguem impressionar as massas, que, infelizmente, "não têm tempo" para um raciocínio mais longo e mais justo.

Isso tudo deixou-me mediativo. O meu pensamento, então deixando as "regiões católicas, apostólicas e romanas" foi ter a outras "regiões". E, aí, nessas "regiões" senti-me dominado por profunda tristeza e máguia. Não só tristeza e máguia, mas indignação também. Indignação e revolta.

E como não ha de sentir-se indignado e revoltado um espírito ao vêr o que se passa nos seus arraiais? Como não ha de sentir-se um espírito ao constatar, que enquanto o clero, com todas as mistificações possíveis e imagináveis, consegue realizar grandes obras, os espíritos não fazem outra cousa senão não se tolerarem uns aos outros, numa lutainglória e mesquinha.

Como não ha de sentir-se um espírito ao saber de tremendas rivalidades existentes entre entidades có-irmãs, entre directores de umas e de outras entidades, entre frequentadores do mesmo centro?

Como não ha de sentir-se um espírito ao verificar e ter certeza que, enquanto o clero tem um só Papa, o Espiritismo tem milhares? Papas e Papados, é uma colmeia imensa dentro do Espiritismo. E' mentira o que estou dizendo? Posso provar que não é.

Basta a gente olhar para o panorama espirita da capital de São Paulo.

E' o que eu já fiz, infelizmente; e é o que todos devem fazer.

Si todos, quizerem ter o trabalho de verificar com absoluta isenção de ânimo, deverão exclamar comigo: — O Espiritismo em São Paulo não é senão a sede imensa de Papas e... Papados.

Ainda voltarei ao assunto, se não se fecharem as columnas dos jornais espiritas para as minhas palavras desprezenciosas mas absolutamente verdadeiras.

João Spinelli